

## A HEROÍNA E A PROSTITUTA: uma analogia entre as personagens Macabéa e Carlota em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector

**Jessica Souza Pereira Marques**  
(UFMA)

### INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Jessica Souza Pereira Marques** é especialista em Língua portuguesa e Literatura Brasileira pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano e Licenciada em Letras pela Faculdade FAMA-PITÁGORAS com ênfase em Língua portuguesa e suas respectivas literaturas. Atualmente, é Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de São Luís e discente do Mestrado de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Tem experiência profissional com professora de Gramática, Redação e Literatura, assim como revisora textual de didáticos e trabalhos acadêmicos. Possui domínio nas áreas de Comunicação, Preparação e Revisão textual, em Literatura Brasileira, Literatura Contemporânea e Literaturas clássicas. E-mail: [jessicaspmarques1@gmail.com](mailto:jessicaspmarques1@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem por finalidade explicar sobre um dos aspectos literários da escritora Clarice Lispector: a personagem de ficção, com ênfase na construção do perfil identitário de Macabéa e madama Carlota. O objetivo é traçar um perfil psicológico, com base nas teorias sobre a construção da personagem de textos ficcionais. Além disso, este estudo também faz um paralelo entre essas figuras estudadas, com leves comparações, assim como situa e descreve como elas são retratadas na ficção de Lispector. Dessa forma, analisamos as personagens mencionadas da obra *A hora da estrela* (1998), no âmbito de uma abordagem teórica construída a partir das obras *Personagem de ficção*, de Antonio Candido (2014), e *A personagem*, de Beth Brait (1985), além de outros teóricos, que ajudaram a elaborar esses perfis literários. Nesse sentido, buscou-se compreender, juntamente com a análise teórica da personagem de ficção, o retrato das personagens femininas clariceanas.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to explain one of the literary aspects of the writer Clarice Lispector: the fictional character, with an emphasis on the construction of the identity profile of Macabéa and Madama Carlota. The aim is to draw up a psychological profile, based on theories about the construction of characters in fictional texts. In addition, this study also draws parallels between these figures studied, with slight comparisons, as well as situating and describing how they are portrayed in Lispector's fiction. In this way, we analysed the characters mentioned in *The Hour of the Star* (1998) within the framework of a theoretical approach built on the works *Character in Fiction* by Antonio Candido (2014) and *The Character* by Beth Brait (1985), as well as other theorists who helped to develop these literary profiles. In this sense, we sought to understand, together with the theoretical analysis of the fictional character, the portrait of Clarice's female characters.

### PALAVRAS-CHAVE

Personagens de ficção; Personagens femininas; Clarice Lispector; Literatura Brasileira.

### KEY-WORDS

Fictional characters. Female characters. Clarice Lispector. Brazilian Literature.



## INTRODUÇÃO

Os romances são definidos de acordo com suas personagens e suas ações, pois fazem com que a obra seja repleta de aventuras, romances, dramas entre outros temas recorrentes em uma narrativa. Muitos são os aspectos que levam um autor a criar suas personagens. As ficções possuem diversos seres imagináveis ou inimagináveis, pessoas que surgiram de suas mentes criativas ou de alguém que conheceu e inspirou uma história. Logo, o processo de construção tanto física quanto psicológica de um sujeito na ficção vale-se de ideias centrais e da liberdade criativa do autor.

Para tanto, observar-se a construção do perfil psicológico de personagens criadas por Clarice Lispector, uma escritora que tem um *sui generis*, visto que a autora traz um hibridismo de gêneros, um experimento linguístico, além de mergulhar suas protagonistas em profundas reflexões de teor psicológico e filosófico, de levá-las a explorar seus sentimentos mais intensos ou conflitantes.

Dessa forma, Clarice Lispector constrói suas personagens, nos seus romances e contos, em uma busca de sentido para as suas existências, tanto que a corrente filosófica do Existencialismo é sempre discutida e relacionada às suas obras, logo faz com que ela seja uma autora “existencialista”. De acordo com Moreira (2003), essa corrente filosófica é assim chamada porque seus grandes expoentes interessaram-se principalmente pelas questões da existência humana, exatamente como Lispector. No entanto, ressalta-se que a obra *A hora da estrela* (1977) não teve apenas características filosóficas e introspectivas, marcas do Existencialismo. A marca existencialista de Lispector, ainda que a autora não tenha se autodeclarado assim, está especialmente em temas sobre o ser, a interioridade, a identidade e a solidão, que dialogam com as teorias de Jean-Paul Sartre e são assuntos vistos na obra estudada *A hora da estrela*.

A construção dos perfis psicológicos de Macabéa e madama Carlota é o alvo deste artigo, que foram criadas com aspectos psicológicos tão essencialmente diferentes, porém vistas pela sociedade da mesma maneira, párias sociais, uma vez que ambas são mulheres que sofrem discriminação, seja por ser nordestina ou prostituta. Ou seja, mulheres à margem da sociedade.

Assim, este estudo torna-se necessário para a análise crítica da obra e para um objeto de estudo posterior, além de fornecer informações necessárias para compreender essas duas figuras femininas da renomada autora.

Para determinado fim, utilizaremos como abordagem teórica os estudos de Antonio Candido (2014) e de Beth Brait (1985) sobre a personagem de ficção, realizando as comparações com Macabéa e madama Carlota na obra *A hora da estrela* de Lispector. Ademais, analisaremos a construção e a identidade dessas figuras a partir de suas características físicas e psicológicas.

O estudo torna-se relevante, pois a análise da obra *A hora da estrela* (1998), mesmo que especificamente às duas personagens femininas, Macabéa, protagonista do livro e madama Carlota, personagem secundária, permite uma reflexão crítica sobre questões sociais, desigualdade e marginalização, além de identidade e feminismo. A situação precária de ambas mostra a invisibilidade e a exclusão vivida por muitas mulheres numa



sociedade machista e opressora, e ainda expõe a relação de identidade feminina e sua existência, numa reflexão profunda acerca de vida e propósito. Por fim, para concretização desta pesquisa, as etapas estarão aqui distribuídas primeiramente para teorizar as personagens de ficção, analisar a sua construção literária e compreender os aspectos que unem essencialmente Macabéa e madama Carlota.

## 1 A HORA DA ESTRELA: aspectos gerais

Clarice Lispector foi uma escritora de origem ucraniana. Instalou-se no Brasil desde muito cedo e chamou a atenção do público com o lançamento do seu primeiro livro *Perto do Coração Selvagem* (1944), causando grande impacto pelo seu estilo até então pouco comum entre os nossos escritores.

Com uma prosa intimista e profunda, Lispector trouxe em suas obras um reflexo filosófico em meio aos enredos, relatando as situações do dia a dia, com conflitos e relacionamentos familiares, de maneira dilacerante e inquietante. Segundo Fischer (2013), a prosa intimista traz como centro das atenções a vida interior da personagem, suas mazelas íntimas, sua psicologia, amores e temores. Portanto, o foco maior reside na exploração dos aspectos humanos e, sobretudo, no tempo psicológico dos sujeitos envolvidos na trama, aspectos que são relevantes e sempre encontrados nas obras de Clarice Lispector.

A obra *A hora da estrela* foi publicada em 1977, pouco antes de Clarice Lispector morrer. Muitos autores afirmam que a escritora queria se afastar da reflexão intimista que caracteriza sua escrita para desafiar a realidade. O resultado é um livro cheio de nuances surpreendentes e de interpretações múltiplas que vai desde uma denúncia sobre a mulher nordestina (retirante) numa cidade, até passagens de humor e ironia (Castello, 1999). De acordo com Arêas (2005, p.74):

*A hora da estrela* significa o final de uma trajetória. Narrativa do limiar, escrita à beira da morte, configura-se como o salto mortal de Clarice, até pelo título articulando-se ao percurso sinalizado antiteticamente por *A paixão segundo G.H.* e *A via crucis do corpo*.

Nessa perspectiva, *A hora da estrela* (1998) possui uma narração bastante peculiar, pois tem o narrador descrevendo o seu método de criação literária. Esse recurso, também aplicado a outras linguagens além da literatura, é conhecido como metalinguagem. Sobre isso, Jakobson (1974) em sua definição sobre as funções da linguagem, considera a função metalinguística quando a linguagem fala da linguagem, voltando-se para si mesma. Hoje em dia, cunhamos na Literatura o termo Metaficção – em que há muitos estudos sobre o tema, o que instigaria um longo debate, porém, devido ao nosso foco de estudo, a metaficção se trata de uma ficção que volta para si mesma, semelhante a função descrita por Jakobson (1974).



Nesse romance, são retratadas as desventuras de Macabéa, retirante nordestina que vive no Rio de Janeiro. Nessa obra, somos apresentados também a um escritor chamado Rodrigo S. M. que se diz o autor responsável pela história de Macabéa, protagonista da narrativa, que foi criada por uma tia tirana, e que a leva para o Rio de Janeiro. Após a morte desta, Macabéa, agora sozinha no mundo, tenta sobreviver “numa cidade toda feita contra ela” (Lispector, 1998, p. 15). No texto, há também outros personagens, como Olímpico de Jesus, “namorado” de Macabéa e sua colega Glória, que rouba o seu namorado, e é quem indica a cartomante Madama Carlota para ler sua sorte.

## 2 AS PERSONAGENS DE FICÇÃO: da criação à descrição das personagens em *A Hora da estrela*

A idealização de um romance começa com suas personagens. O autor cria esses sujeitos e desenvolve um enredo até se tornar uma história. Muitos autores idealizam cenários, épocas e o tipo de história que vão narrar como ação, aventura, suspense; contudo, sempre pensam em que tipo de personagem poderia estar envolvida naquela história. Portanto, enredo e personagem estão intrinsecamente ligados, o enredo existe através deste; a personagem dá vida ao enredo (Candido, 2014).

As personagens de Clarice Lispector dão vida à sua história, principalmente Rodrigo S.M, aquele que se diz autor do romance, e Macabéa, a heroína. Um fato a se considerar é que pela criação literária metafórica de Rodrigo S.M, percebe-se o intuito do autor de querer se identificar com sua personagem:

[...] para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado, pois faz calor aqui neste cubículo onde me tranquei [...] também tive que me abster de sexo e futebol. Sem falar que não entro em contato com ninguém (Lispector, 1998, p. 22).

Esse recurso literário, um modo de aproximar a construção da identidade de sua personagem consigo mesmo, é uma das peças para criação desse romance; lembrando que por ser a história de uma história, Lispector citou essa condição para esse “pseudoautor”, uma vez que, na realidade, Rodrigo é apenas outro sujeito ficcional de criação de Lispector – uma linha tênue entre a crítica velada e a ironia do trecho: “Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Lispector, 1998, p. 14). Logo, compreende-se que ser “pseudoautor” é por causa da ficcionalidade desse



autor/narrador/personagem, pois Rodrigo S.M é narrador de sua própria história, autor da história de Macabéa e personagem de Clarice Lispector – há muitas vozes perambulando em *A hora da estrela*, entretanto, é necessário voltar-se ao objetivo desta pesquisa – a construção das personagens Macabéa e Carlota.

Portanto, percebe-se que Lispector não apenas pensou no leitor que se identifica com a heroína, mas também em um leitor-escritor que se vê em seu processo de criação. Sobre esse recurso, Candido (2014, p. 75) diz “[...] no meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc.”. Portanto, Lispector preocupou-se em agradar não só a um público de leitores, mas também fazer com que escritores se identificassem quanto ao momento da criação de suas personagens.

Contudo, a personagem de ficção não sustenta todo um romance, visto que ela não pode existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida, o que de fato impossibilita o romance em si, já que o enredo da história também é fundamental, assim como outros recursos, ou seja, o romance é um corpo que precisa de todas as células que o formam. Tendo em vista esses ideais, o romance fluirá de acordo com cada expectativa e ideia do autor (Candido, 2014).

As personagens de ficção, quando idealizadas pelo autor, possuem diversas formas de serem compreendidas, os recursos literários são diferentes para cada situação. Em alguns romances, o autor faz a descrição da sua personagem apenas psicologicamente, que no passar da trama, percebemos suas características. Outros descrevem-na apenas fisicamente, como é o caso da descrição de madama Carlota: “madama Carlota era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodela de ruge brilhoso. Parecia um bonecão de louça meio quebrado[...]” (Lispector, 1998, p. 72). Com Macabéa, percebemos outra descrição, mista; características físicas e psicológicas, que veremos adiante.

Na obra *A Personagem* de Beth Brait (1985), a autora sugere que muitas vezes as personagens são descritas como pessoas, já que imitam o real, suas formações possuem um amplo aspecto da realidade do próprio leitor. Assim, sobre sua construção e análise, a autora diz:

A construção de personagens obedece a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer. Se nos dispusermos a verificar o processo de construção de personagens de um determinado texto e, posteriormente, por comparação, chegarmos as linhas mestras que deflagram esse processo no conjunto da obra do autor, ou num conjunto de obras de vários autores, temos que ter em mente que essa apreensão é ditada pelos instrumentos fornecidos pela análise, pela perspectiva crítica e pelas teorias utilizadas pelo analista (Brait, 1985, p. 68).



Neste artigo, traçaremos um perfil psicológico das personagens femininas, além de compará-las, analisando o que faz com que elas se aproximem. Com essa analogia, é possível compreender a construção destas.

Nessa obra, o escritor/personagem<sup>1</sup> (referiremos Rodrigo S.M também como escritor/personagem), Rodrigo S.M, é o autor de “A hora da estrela”, e dentro da história de Macabéa somos apresentados a um narrador que se aproxima muito do próprio Rodrigo S.M, especialmente devido as pausas e os parênteses para tecer comentários sobre sua escrita – justificando um dos motivos de chamar a obra de Metaficção:

Quando Olímpico lhe dissera que terminaria deputado pelo Estado da Paraíba, ela ficou boquiaberta e pensou: quando nos casarmos então serei uma deputada? Não queria, pois deputada parecia nome feio. (Como eu disse, essa não é uma história de pensamentos. Depois provavelmente voltarei para as inominadas sensações, até sensações de Deus. Mas a história de Macabéa tem que sair senão eu estouro.). (Lispector, 1998, p. 47).

De acordo com Brait (1985, p. 57), a relação da personagem com seu narrador é precisamente de uma câmera, este: “narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem.”

Nesse sentido, na história de Macabéa, Rodrigo S.M vai revelando o seu processo de construção da protagonista, pois durante a leitura, é exposto esse registro, o que faz com que o leitor veja exatamente tudo que se passa com Macabéa, nessa terceira via (pois, por se tratar de uma metaficção, temos Clarice Lispector, autora, Rodrigo S.M, um narrador-personagem/autor/narrador-observador e por fim Macabéa, vista sob o olhar tanto de Lispector quanto o de Rodrigo S.M), e assim, em síntese, temos um autor que também é um narrador onisciente, além de narrador-personagem.

Rodrigo S.M traz uma abordagem peculiar a narrativa de Lispector, para tanto, é necessário compreender a singularidade atestada por meio dessa personagem. Em determinado trecho da obra, já citado aqui, temos: “Aliás – descobro eu agora – eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.” (Lispector, 1998, p.14). Essa citação que aborda a crítica de Rodrigo S.M à escrita feminina é um tanto paradoxal – uma vez que a autora da obra é uma mulher. “A ironia da história escrita por

<sup>1</sup> Não queremos trazer confusão a respeito de quem é Rodrigo S.M. Ele é também um sujeito fictício, criado por Clarice Lispector. Muitas vezes, chamaremos ele de “autor” ou “escritor” como referência de que ele que “criou” Macabéa. Mas enfatizamos que Rodrigo S.M não é Clarice Lispector. Haverá referências tanto para Lispector como autora da obra, quanto para Rodrigo S.M como autor da história de Macabéa. A obra traz essa complexidade para si, entretanto, nosso objetivo é investigar as personagens femininas mencionadas.



uma mulher (Clarice) e narrada por um homem (Rodrigo) traz à tona a guerra dos gêneros, que se resume em quem pode ou não falar, quem pode ou não escrever.” (Nascimento, 2012, p. 126). Assim, é um fato, então, criticado pela própria escritora e com um tom irônico e sagaz desta. Dessa forma, podemos inferir que a escritora queria tomar Rodrigo S.M como máscara e esta seria masculina, decretando aí sua crítica ao machismo que rondava as escritas femininas em sua época.

Desse modo, pensamos agora naquele que conduz e revela o ponto de vista de Macabéa, ou seja, o seu narrador. Para Brait (1985), o narrador em terceira pessoa tem uma visão privilegiada de suas personagens. Ainda que madama Carlota tenha uma descrição um pouco mais superficial, também é possível distinguir seu perfil psicológico, já a visão de Macabéa é superposta, já que é protagonista. Destarte, pela narração conseguimos perceber, de acordo com Brait (1985, p. 57), o perfil dessas personagens que se movem pelos discursos narrativos e trazem a visão que o narrador quer desses seres de papel. Portanto:

A descrição, a narração e o diálogo funcionam como os movimentos de uma câmera capaz de acumular signos e combiná-los de maneira a focalizar os traços que, construindo essas instâncias narrativas, concretizando essa existência com palavras, remetem a um extratexto, a um mundo referencial e, portanto, reconhecido pelo leitor. (Brait, 1985, p.59).

Assim, o narrador em *A hora da estrela* (1998) constrói as personagens atribuindo, em sua instância criadora, suas qualificações e, nas ações das personagens, desvela o seu caráter e o espaço que elas ocupam na narrativa.

As personagens femininas de Clarice Lispector são singulares em suas características e as narrativas da autora quase sempre vão na contramão dos movimentos literários de sua época, mas algo sempre unificava o seu estilo de escrita. A autora situava suas personagens em contextos corriqueiros, além de idealizá-las numa prática mais psicológica e filosófica. Lispector imergia suas personagens em questões profundas e complexas, elevando a narrativa a um alto nível de introspecção. No processo de criação das personagens da autora, nota-se que através de observações básicas da rotina, as personagens são acometidas por uma súbita compreensão ou revelação – epifania – que as levam a intensas reflexões sobre suas vidas, o seu papel na sociedade e sobre o real sentido da existência. Esse processo epifânico que toma de conta das personagens trazem outro elemento bastante comum às obras de Lispector: o fluxo de consciência, que leva as personagens a desenvolverem um monólogo interior.

Conforme os estudos de Garcia (1981), o monólogo interior apresenta as relações íntimas de determinada personagem como se elas brotassem diretamente da consciência, livres e espontâneas. O autor larga a personagem, deixa-a entregue a si mesma, às suas



divagações, em monólogo consigo mesma, esquecida da presença do leitor ou ouvinte, e assim observamos a fuga do convencional. Já o fluxo de consciência é, de acordo com Humphrey (1976, p. 2): “[...] um sistema para a apresentação de aspectos psicológicos de personagem da ficção [...]”. Esse recurso literário foi primeiramente utilizado pelo escritor francês Édouard Dujardin em seu romance *Os Loureiros estão Cortados* de 1888. Anos depois, essa técnica foi explorada e consagrada por autores como James Joyce, Marcel Proust e Virginia Woolf, nos quais Lispector tinha interesse.

Em relação às personagens estudadas, apenas Macabéa tem seu momento epifânico e é justamente na hora de sua morte, logo após o seu encontro com madama Carlota, a sua “hora da estrela”. Devemos pensar também no retrato feminista da época, pois as personagens aqui tratadas, em sua condição social, eram invisíveis, uma retirante, e a outra uma ex-cafetina e ex-prostituta que agora se veste de cartomante para enganar os mais ingênuos.

Numa perspectiva modernista, os enredos desse período trazem como características a linguagem regionalista, o retrato da condição do povo nordestino, que são as principais vítimas das secas, do preconceito e da falta de assistência social, o que pode se ver na obra *A hora da estrela* (1998) e refletem também na construção psicológica das personagens.

Segundo Massaud Moisés (2014), após o fim da II Guerra Mundial, o mundo passou por diversas transformações de ordem cultural, social e política. No Brasil, não foi diferente. Os autores da terceira fase do Modernismo ainda preservaram traços da segunda fase. Contudo, houve o desenvolvimento de outros aspectos, como o psicológico e a abordagem de problemas tidos como regionais, mas que também serviam para tratar de temas universais. Isto é, o homem oprimido por uma sociedade, sem condições físicas e morais de desenvolvimento e ascensão é uma questão de ordem universal. Como exemplo, podemos citar Guimarães Rosa e a própria Clarice Lispector que tratavam em suas obras essas questões.

Mediante a esses fatos, pode-se afirmar que Lispector introduz a denúncia e a crítica ao retirante nordestino, retrata as mazelas sociais e o preconceito vividos pela nordestina Macabéa. Além disso, ver-se o enigma que é vida de Macabéa, as profundas marcas de uma pessoa limitada, sem ambições. Assim como madama Carlota, mesmo não sendo nordestina, era uma mulher que não teve a capacidade e nem a oportunidade de ser mais do que era: uma prostituta. Essas marcas psicológicas das personagens levam o leitor à reflexão, que é um traço da escrita da autora.



### 3 O PERFIL PSICOLÓGICO DE MACABÉA E MADAMA CARLOTA

As análises das personagens feitas neste artigo terão como base as metodologias que foram apresentadas no decorrer desse estudo, usaremos a obra *A hora da estrela* (1998) intermediada com pensamento e ação. Dessa forma, serão compreendidas as nuances que formam o caráter de Macabéa e madama Carlota que são personagens distintas, antagonistas entre si, mas identificadas como mulheres à margem da sociedade. Mulheres que não viram expectativas e, também, tinham pouca ou nenhuma ambição. Inicialmente, falar-se-á de Macabéa, personagem principal da obra.

Macabéa, protagonista da obra *A hora da estrela*, foi a escolhida por Rodrigo S.M para relatar suas desventuras no Rio de Janeiro, ele a escolhe, pois: “é que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance, o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (Lispector, 1998, p. 12). Rodrigo S.M. ainda relata que a moça “é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descobro eu agora – também eu não faço a menor falta [...]” (Lispector, 1998, p. 14). Esse sentimento revela que o escritor/personagem se identifica com sua própria criação, expondo os seus sentimentos e uma autorreflexão sobre si mesmo.

Assim, quando Rodrigo S.M descreve Macabéa, descreve a si mesmo, como exemplo, tem-se a escolha para falar da nordestina, por ele também ser nordestino e o fato de existir muitos retirantes que vivem ao mesmo modo de Macabéa. Essa aproximação do criador e criatura, apesar de o narrador dizer que sua inspiração foi uma mulher na rua, é também se enxergar no outro. Segundo Candido (2014, p. 55, grifos meus):

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

Assim, com esse entendimento, Rodrigo S.M quer ter essa aproximação com sua personagem, vê-la de forma concreta.

Segundo o escritor/personagem, Macabéa era uma alagoana órfã, virgem, solitária, magra, datilógrafa, sem atrativos físicos e sem família, é uma garota simples que gosta de Coca-Cola e de ouvir a rádio relógio nas horas vagas. “Também sustenta um pequeno luxo, de ir ao cinema uma vez por mês e encanta-se pela atriz Marilyn Monroe” (Lispector, 1998, p. 15). Rodrigo S.M descreve as características de Macabéa ao longo do romance,



primeiramente, como visto acima, características físicas, em que o leitor começa a ter uma visão concreta de Macabéa. Ele descreve também seus hobbies e suas preferências, assim, o leitor já pode julgar um pouco do caráter de Macabéa.

Há muitas comparações feitas para Macabéa. E que a assemelham com várias negativas descrições, como “O olhar de quem tem uma asa ferida” (Lispector, 1998, p. 33) e em seguida o motivo para ela ser descrita de tal maneira “distúrbio talvez da tireoide”; e ainda se é leve é “por causa da esvoaçada magreza” (Lispector, 1998, p. 34). Percebe-se outro aspecto que revela o perfil da personagem: supor que ela era triste e doente. O autor, ainda relata a idade e profissão da personagem: “[...] e a jovem tem dezenove anos”, “Era enfim datilógrafa”. Nesses relatos, há ainda descrição da ignorância de Macabéa e o fato de não saber escrever bem, “pois só tinha até o terceiro ano do primário e copiava lentamente, letra por letra” (Lispector, 1998, p. 15). É interessante observar que mesmo Macabéa tendo uma profissão e um curso, o escritor/personagem faz com que a personagem seja vista como alguém quase analfabeta e incompetente. De acordo com Brait (1985, p. 57) “O escritor habilidoso encontra formas de acoplar recursos à narrativa em terceira pessoa de modo a tornar suas criaturas verossímeis.” Assim, podemos compreender que a tentativa era de deixar Macabéa mais próxima do real, ainda que seja um choque para o leitor existir uma pessoa como ela, sem ambição e sem expectativa até sobre si mesma. As descrições são muitas, e aos poucos o leitor tem uma ideia de como seja a aparência da personagem e também percebe a falta de consciência que ela tem de si.

Vale ressaltar que, na descrição de Macabéa, há o fato de a própria personagem ser alheia a sua existência, que se conclui já no início da história. Chega-se até achar que não possui existência física, algo que marca a literatura psicológica e complexa de Clarice Lispector: “Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física?” (Lispector, 1998, p. 25). Aqui também refletimos se, por acaso, a personagem sabe que é personagem e que de fato ela não existe e só é por ser criação de outro, ou seja, Macabéa se ver no espelho e não se enxerga porque é a personagem de um livro. Nessa ambiguidade, a dúvida pode passar despercebida ao leitor, pois sabemos tudo sobre Macabéa pelo olhar atento do narrador onisciente de Rodrigo S.M (que também é narrador-personagem). “Daí concluímos que a noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, em relação a percepção física inicial. E que o conhecimento dos seres é fragmentário” (Candido, 2014, p. 56).

Outro fato importante na análise da personagem é a descrição psicológica feita por Rodrigo S.M. para Macabéa, no início da leitura, pois revela-se uma tola, um ser sem noção de sua própria existência, como já citado. Essa personagem, devido às condições em que



nasceu e se criou, tornou-se um ser apenas existente, sem uma essência definida, aquela comum à maioria das pessoas. E por consequência, ela também está livre de determinismos. Macabéa não procurava uma autodeterminação exterior social para se determinar e se definir no mundo, como família, religião, partido político. Entretanto, na criação dessa personagem, tida como tola, o leitor consegue observar questões profundas, psicológicas, intimistas. De acordo com Candido (2014, p. 56):

Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados. Daí a psicologia moderna ter ampliado e investigado sistematicamente as noções de subconsciente e inconsciente, que explicariam o que há de insólito nas pessoas que reputamos conhecer, e, no entanto, nos surpreendem, como se uma outra pessoa entrasse nelas, invadindo inesperadamente a sua área de essência e de existência.

Assim, inferimos que a essência de Macabéa, apesar de ela não crer existir, o leitor consegue percebê-la, logo, não ver como ela se ver, mas numa outra percepção. Em *A hora da estrela*, Macabéa não sente a necessidade de definir-se a partir do outro, teoria recorrente do existencialismo, que está nas páginas dessa obra. Todavia, o não saber da personagem concedia a ela uma certa liberdade, pois tinha consciência da sua falta de consciência:

[...] A menina (Macabéa) não se perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida. Esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome, nasce-se e fica-se logo sabendo (Lispector, 1998, p. 28).

Neste fragmento, verifica-se como o narrador coloca que o “não-saber” de Macabéa não é de todo ruim, pois ela já sabe o essencial, que são coisas inerentes a qualquer ser humano, como sentir fome, por exemplo. Ela é totalmente ciente da sua condição, por isso não se impunha perante as outras pessoas, daí consciente de que não tinha consciência, ou reiterando: ela não se preocupava em buscar melhores condições, em aprender mais, em explorar, ou seja, ela estagnou-se e para ela não tinha o porquê de ir adiante.

Outro trecho que se verifica a falta de “ser” de Macabéa é descrita pelo escritor/personagem:

Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” cairia estatelada em cheio no chão. É que “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem indaga é incompleto (Lispector, 1998, p.16).



Nessa citação, percebe-se que fatos simples do ser humano, como perguntar “quem sou eu” é algo inconcebível para Macabéa. Suprir necessidades do consciente humano não era possível para ela. Mas o que fazia Macabéa ser a heroína reflexiva de Clarice Lispector? Por mais que Macabéa não se contestasse, havia nela algo que é encontrado em outras personagens da escritora: a revelação do seu íntimo. Os pensamentos da personagem são complexos e profundos, ninguém a entende, pois ela não pertence a sociedade em que está.

Nessas concepções, recorreremos a Beth Brait (1985, p.54), especialmente sobre a visão do narrador sobre Macabéa. Assim, segundo a autora:

[...]consideraremos que o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto, uma verdadeira câmera, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. De acordo com a postura desse narrador, ele funcionará como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens.

Assim, na obra de Clarice Lispector, Rodrigo S.M é profundamente ligado a personagem que ele “cria”, um espelho dele mesmo e o reflexo de Rodrigo é o da própria Lispector – como já dito uma espécie de máscara para autora.

Macabéa era incomum. “Ela era calada, mas gostava de ruídos.” (Lispector, 1998, p.33). Muitos são os medos que a personagem vive, ela preferia os barulhos, pois tinha medo do silêncio da noite. No decorrer das páginas escritas por Rodrigo S.M, a alagoana torna-se “ser”, esse “ser” inventado pela própria personagem, que realiza suas ações sem saber o porquê de fazê-las. Como por exemplo, ela rezava porque sentia culpa de sonhar com sexo, culpava-se, mas ficava contente e de propósito se sentia culpada; e para retirar as dúvidas das suas ações, rezava, mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e, portanto, Ele não existia (Lispector, 1998).

Destaca-se que o escritor/personagem, enquanto criador de Macabéa, vai revelando as reflexões desta e também acrescentando características a personagem, como acabar de descobrir que para a personagem a realidade é muito pouco (Lispector, 1998, p.34), pois a personagem via a realidade como nada, não sabia enfeitá-la. A personagem não refletia, não pensava em diferentes realidades. Outra coisa revelada é que Macabéa não acreditava na morte, achava que não iria morrer, um fato que ela não pensava muito, apenas porque ela ainda estava viva (Lispector, 1998, p.29 e 37).

Com essas inferências, podemos entender que o Rodrigo S.M possuía “um discurso narrativo que aponta para a ironia de um observador empenhado em fazer da linguagem o seu instrumento de impiedosa caracterização” (Brait, 1985, p.61). No decorrer da obra, pode-se observar as mudanças de comportamento em Macabéa. Como a mentira que contou ao chefe para poder descansar, um momento que usufruiu de coragem para dançar



no quarto, pois as suas companheiras de cômodo estavam trabalhando e achou que este era o momento mais contente de sua vida em que se encontra com algo precioso: a solidão (Lispector, 1998, p.41 e 42).

Essas mudanças novamente nos apresentam a verossimilhança exposta pelo criador: “não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste depende basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor” (Candido, 2014, p. 54).

Enfim, ela conhece Olímpico, seu namorado, que desencadeia momentos importantes na vida de Macabéa. Olímpico tratava Macabéa muito mal, era rude e grosseiro, e ela tão apaixonada e boba que nem notava, sempre se desculpava quando o irritava.

Passado um tempo da narrativa, Olímpico trocou Macabéa por Glória, uma das personagens secundárias da obra e colega de trabalho da protagonista. Talvez por remorso por ter roubado o namorado da colega, Glória empresta dinheiro para que ela se consulte com madama Carlota. E foi por intermédio dela que Macabéa conheceu a cartomante que lhe informou sobre um futuro brilhante em que ela se casaria com um homem rico e estrangeiro.

É neste momento que a vida de Macabéa começa a mudar mais profundamente, ela mesma passa a sentir coisas que não sentia antes, sentia-se mudada de alguma forma: “Madama Carlota acertara tudo. Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver seu lado oposto, ela que, como eu disse, até então se julgava feliz” (Lispector, 1998, p. 79).

Parece que agora Macabéa finalmente tomara consciência de si dentro da sociedade e que sua condição era de miserável. Essa mudança indica o início de um processo de liberdade. Liberdade essa que constitui um ser, utilizando da sua liberdade para projetar quem ele será. No caso, Macabéa descobria-se um ser existente. “É claro que a noção do mistério dos seres, produzindo as condutas inesperadas, sempre esteve presente na criação de forma mais ou menos consciente [...]” (Candido, 2014, p. 57).

Ressalva-se sobre essa brusca mudança de consciência da personagem:

Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras [...]. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais a mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou (Lispector, 1998, p. 79).



A vida dessa personagem é transformada apenas por palavras, no caso, da cartomante que lhe antecipou um bom futuro e Macabéa ingênua como era, acreditou nas palavras da adivinha. Sabe-se que esta poderia estar perfeitamente mentindo acerca das previsões, como quando ela diz que o futuro marido de Macabéa poderá ter os olhos azuis, verdes ou castanhos. Ou seja, ela estava apenas supondo sobre o futuro da moça. O fato de ela acreditar nessas suposições mudou o rumo da história. Como se vê acima, Macabéa hesitou ao atravessar a rua, pois já se sentia outra pessoa. E por ficar parada na calçada pensando em seu futuro, foi atropelada.

Antes de chegar ao ápice da obra, como já citado, as personagens de Lispector sempre mostram o seu momento epifânico. Para tanto, esclarecer-se-á o significado do termo *epifania*, para melhor compreensão. De acordo com Sant'Anna (2009), é proveniente do grego *epiphaneia* podendo ser compreendida num sentido místico-religioso e num sentido literário. Aplicado à literatura, o termo significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante. Logo, essa força reveladora pode ser observada na personagem Macabéa de *A hora da estrela* no momento de sua morte: "Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções e viu entre as pedras do esgoto um ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. Hoje, pensou ela, é o primeiro dia de minha vida: nasci" (Lispector, 1998, p. 80).

Percebe-se, neste momento, especialmente no fim da história o quão profunda é a personagem Macabéa de Clarice Lispector. A personagem parece despertar para a vida justo no momento de sua morte: "*Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci*". (Lispector, 1998, p. 35).

E com essa perspectiva, ao morrer, considera o dia de sua morte o seu primeiro dia de vida. É neste exato momento que ela descobre a grandeza do ser, tornando-se capaz de vislumbrar aspectos nunca percebidos da existência e de si mesma. É a tomada de consciência. E enquanto ela no chão refletia, a vontade de viver crescia dentro dela, e ela pensava: "eu sou, eu sou, eu sou." (Lispector, 1998, p. 84). O que corrobora com a sua recém ativada consciência. Até que ela deixa de ser, e antes termina como uma frase que não finalizou. Uma afirmativa: "quanto ao futuro." (Lispector, 1998, p. 85).

Diante dessas elucidações, é importante trazer as concepções de Antonio Candido sobre o ser fictício e o real, pois apesar de o romancista querer parecer verossímil suas personagens e seu enredo, ainda não há fidelização ao mundo real.

Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos de ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. [...] No romance, podemos



variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de ser. [...] A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. (Candido, 2014, p. 58-59).

Finalizada essa construção de Macabéa e seus anseios, ver-se-á a construção psicológica de madama Carlota. Como dito anteriormente, madama Carlota conhece Macabéa quando Glória empresta dinheiro para uma consulta com a cartomante. No momento em que a conhece, madama Carlota trata-a com muito carinho e o autor faz uma breve descrição de como seria fisicamente: “madama Carlota era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodela de ruge brilhoso. Parecia um bonecão de louça meio quebrado[...]” (Lispector, 1998, p. 72).

Percebe-se que as características físicas de madama Carlota não são tão explícitas, mas a partir do diálogo entre as personagens, tem-se uma sugestiva descrição de seu caráter. De acordo com Candido (2014, p. 79, grifos do autor), “Embora não podemos ter uma imagem nítida da sua fisionomia, temos uma intuição profunda do seu modo de ser, pois o autor *convencionalizou* bem os elementos, organizando-os de maneira adequada”.

Essa personagem já aparece no fim da história e é esta que preenche Macabéa de alguma esperança usando apenas palavras. As descrições da madama Carlota são bem limitadas. A partir do relato de onde vive a cartomante, também pode-se supor seu estilo de vida: “Lá tudo era luxo. Matéria plástica amarela nas poltronas e sofás. E até flores de plástico. Plástico era o máximo” (Lispector, 1998, p. 72). Sugere-se que Madama Carlota queria parecer cuidadosa e demonstrar ostentação.

Há um momento que pode ser o motivo de não haver tantas descrições de madama Carlota, pois o autor, Rodrigo S.M, diz “Vejo que não dá para aprofundar essa história. Descrever me cansa.” Isso logo após caracterizar madama Carlota como um “bonecão de louça meio quebrado” (Lispector, 1998, p. 72).

Logo após ter despachado uma cliente, a cartomante volta-se para Macabéa. Assim, madama Carlota começa a contar sobre sua vida e de como vivera como prostituta, contando de maneira tão tendenciosa e evidentemente simplório que se duvida de profundidade de sentimentos desta personagem, sugere-se que ela é uma trapaceira vulgar



e a própria sabe da ilegalidade de seus serviços, como ela mesma afirma: “Olhe, a polícia não deixa por cartas, acha que estou explorando os outros, mas, como eu lhe disse, nem a polícia consegue desbancar Jesus” (Lispector, 1998. p. 73). No desenrolar da narrativa, percebe-se a falsa religiosidade da cartomante e o espanto de Macabéa. Supõe-se que ela não tem domínio de conhecimento religioso. Em contrapartida, ela profere ser muito inteligente. “Ah, então você acha, não é? Pelo que vejo você é inteligente, ainda bem, porque a inteligência me salvou” (Lispector, 1998, p. 73).

Enquanto conversa com Macabéa, descobre-se que a cartomante fora prostituta, como dito anteriormente, e que não é mais porque já não vale mais no “mercado”. Pode-se supor que esta é desprovida de qualquer instrução sobre o que falar e o que não falar da sua vida, pois madama Carlota não se importa nenhum pouco sobre falar de seu passado como prostituta e dá detalhes sobre isso.

A própria madama Carlota descreve-se um pouco, quando afirma usar dentadura e que estava gorda: “Mas se estragaram tanto que hoje eu uso dentadura postiça” (Lispector, 1998, p. 74). “Depois, quando eu estava ficando muito gorda e perdendo os dentes, é que me tornei caftina” (Lispector, 1998, p. 75).

Percebe-se como Madama Carlota é parcial ao tipo de vida que levou. Como era pobre e mal tinha o que comer, tornou-se prostituta, caindo na “vida fácil” e ela mesma afirma que gostou. “E eu gostei porque sou uma pessoa muito carinhosa, tinha carinho por todos os homens” (Lispector, 1998, p. 73-74). A personagem revela-se sem muita consciência do que passou, age como alguém conformada e que não tinha interesse de mudar de vida, tanto que logo após tornou-se cafetina. Um ponto que revela a falta de ambição da cartomante e o ápice da sua ignorância, é quando ela, vivendo como prostituta, diz que tinha um homem, e esse era seu luxo, e que ela apanhava dele e gostava, pois isso demonstrava que a amava (Lispector, 1998). Isso sugere que Madama Carlota não era muito diferente de Macabéa, pois estavam “felizes” com o que a vida lhes proporcionava.

Os diálogos entre a madama Carlota e Macabéa são o que nos situa sobre as qualificações e o caráter da primeira. A função dessa personagem secundária é trazer para Macabéa o impulso que singulariza e unifica as obras de Lispector, como dito: a epifania. Portanto: “a *vida* da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, ideias.” (Candido, 2014, p. 75).

Em uma interação com Rodrigo e Macabéa, esta sente que a cartomante é um ponto alto de sua existência, pois havia um destino a ser contado, visto que madama Carlota “acerta” passado e presente de Macabéa. Infere-se que mesmo com sua ignorância, madama Carlota era muito esperta, pois deu a Macabéa um futuro que uma mulher em suas condições gostaria de ter, porém se percebe a fajuta cartomante quando esta diz: “Ele



é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos” (Lispector, 1998, 77), dando suposições de como seria o futuro de Macabéa. Há ainda mais um trecho para se desconfiar da cartomante, é quando a personagem declara que o dinheiro das cartas é doado para um asilo de crianças, que pode ser uma mentira, já que ela vive apenas como uma cartomante e mantém um padrão de vida considerado de “luxo” (Lispector, 1998, p. 78).

Assim, Madama Carlota, mesmo com previsões ruins, acaba impactando a vida de Macabéa, dando um destino hipotético. Portanto, passou a dar esperança para a protagonista, como consciência, mesmo sendo de forma enganosa e charlatona, como é descrita a vida da cartomante. Apesar de madama Carlota não ter um destaque muito grande na obra, considera-se que as duas personagens subsistiam em uma sociedade que as ignoraram completamente e elas apenas aceitaram o que lhes era decretado ali. Madama Carlota é a mimese de que para continuar a “sobreviver”, enganar as pessoas era a melhor saída.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de analisar a obra de Clarice Lispector exige um esforço devido à posição reflexiva que a produção da escritora ocupa na área da literatura brasileira. Um traço marcante de suas obras consiste no fato de não serem apenas textos narrativos com fatos e acontecimentos, porque são marcados por personagens complexos e de reflexões sobre a vida.

É uma obra marcada de originalidade, estilo e pela profundidade psicológica no enfoque de temas aparentemente corriqueiros, que são marcas da produção literária dessa autora, trazendo uma linguagem nova e de discussão do fazer narrativo.

Pode-se concluir que Lispector percebe que a mulher necessita encontrar a sua noção de identidade e de individualidade em frente de uma sociedade opressora. Diante de uma análise cuidadosa de seu discurso, principalmente quando faz uso da ironia, ela questiona o papel da mulher na sociedade. Em suas obras há elementos que a configuram como escritora feminista.

As personagens que foram analisadas têm algo que as conectam. Há um paralelismo entre Macabéa e madama Carlota. Oprimidas e sem vantagem, uma levou a vida achando que apenas aquele sopro de “ser” era o suficiente, até perceber em sua morte o que lhe faltava. A outra tinha o seu “ser” como algo normal, principalmente porque era de origem pobre e o que a vida lhe oferecia, já achava que era bom o bastante. Ganhou dinheiro vendendo o corpo e depois que não “valia” mais, tornou-se cafetina até ser cartomante, afinal muitas são as pessoas que anseiam saber sobre seu futuro e esperam que ele seja bom.



Logo, toda a narrativa da obra consiste numa indagação a respeito da condição humana. O enfoque existencialista dá-se por meio tanto de Macabéa, que vive desajustadamente no Rio de Janeiro quanto na história de Rodrigo S. M. que intervém no enredo de forma ordenada, e esse cria também madama Carlota, o ponto da percepção de existência de Macabéa.

Há uma densidade psicológica na narrativa, pois a reflexão existencial é enfatizada em detrimento da ação. Apesar de não ter sido o enfoque dos nossos estudos, verificou-se que nessa última publicação, Lispector trouxe à superfície de sua literatura questões sociais, fazendo um equilíbrio entre existencialismo e o social, o que diferencia essa narrativa das demais.

As personagens analisadas envolvem um delicado equilíbrio, semelhante ao andar em uma corda bamba. Isso é especialmente notável nas mulheres de Clarice Lispector, que sempre apresentam algo notável e singular. Podemos observar nas obras dela as denúncias e a visão da sociedade sobre o movimento feminino, destacando mulheres de diferentes aspectos na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma Sant'Anna. **Clarice Lispector: com a ponta dos dedos**. Companhia das Letras, 2005.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Editora Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio et al. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CASTELLO, José. **Inventário das sombras**. Rio de Janeiro: 1ª ed. Record, 1999.

DUJARDIN, Édouard. **Os loureiros estão cortados**. Porto Alegre: Brejo. 2005.

FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira: modos de usar**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro. FGV, 1981.

HUMPHREY, Roberto. **Fluxo de consciência no romance moderno**. Univ. off California Press, 1976.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1974.



LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Editora José Olympio, 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. São Paulo: Ática, 2009.